

Determinismo ou escolha sexual?

Geraldino Alves Ferreira Netto

O velho ditado latino *tot capita tot sententiae*¹ significa que cada pessoa pode pensar diferente de qualquer outra pessoa, que temos livre-arbítrio e liberdade de pensamento e ação. Não há um determinismo sobre o que podemos ou não falar ou fazer, desde que o façamos dentro dos trâmites legais. Salvo se vivenciarmos um regime político ditatorial, que imponha limites ideológicos quanto à liberdade de expressão.

Na história, sempre houve tentativas de domesticar o que podemos ou devemos falar. É como se houvesse uma forma única de se expressar, que hoje costumamos chamar de “patrulha ideológica, religiosa ou científica”, bem como o que se convencionou denominar de “politicamente correto”. Mas, além dessas atitudes, há também outras modalidades, inclusive as posturas negacionistas.

Quanto mais democrática for uma sociedade, mais opiniões divergentes haverá. Nosso propósito aqui é debater a grande polêmica atual entre os conceitos de escolha e de orientação em nossa vida sexual. Desde a descoberta da Psicanálise, o debate tem sido acalorado, instigante e esclarecedor. Dois conceitos fundamentais ancoram a posição freudiana: a grande variedade de formas prazerosas na sexualidade, junto com a enorme possibilidade de dar significados a nossas palavras e atos.

Para as pessoas que defendem o conceito de orientação sexual, sem escolha, fazemos a pergunta: quem orienta? Se a resposta for pelo lado da herança genética, voltamos a perguntar: então, qual é a diferença entre racionais e irracionais? Se a resposta for no sentido de que algo, ou alguém, ou a religião, ou a família nos impele sem possibilidade de decisão, concluímos que somos alienados de nós mesmos e de nossa subjetividade. Porém, se alguém responder: sou eu mesmo que me oriento, beleza, estamos de acordo que há uma escolha e defendemos a mesma ideia.

A proposta freudiana, então, é que somos sujeitos com autonomia sobre nossos desejos, livres para qualquer escolha sexual que nos dê prazer, respeitados os direitos dos outros. E, mesmo se nos sentirmos coagidos em alguma situação, ainda nos resta a opção de consentirmos ou não, resguardando a liberdade que habita o “cerne do nosso ser”, isto é, a orientação ética desejanse em direção à nossa verdade subjetiva.

¹ Tantas cabeças, quantas sentenças (Tradução nossa)

Desde o século 5 a.C., teve início a filosofia aristotélica, que tentou definir a ciência e a verdade como um laço social baseado no fato de que nossos sentidos percebem os objetos de maneira correta, sem riscos de engano e sem admitir contradições. A partir daí, a pesquisa científica é supostamente considerada objetiva, confiável, replicável, com abrangência universal e sem interferência de escolha subjetiva. Essa observação é articulada por raciocínios lógicos dedutivos e deterministas, que não comportam outra conclusão que não seja aquela decorrente da própria lógica filosófica silogística.

Esta argumentação sobre a filosofia de Aristóteles (322 a.C.) foi revisitada pelo neoplatônico Porfírio (234 d.C.)², famoso pela esquematização da “árvore de Porfírio”. Foi autor de *Introdução às categorias* (de Aristóteles), em que assim define o conceito filosófico de gênero, tão explorado hoje, social e psicologicamente: “*Dicitur praedicari de pluribus specie differentibus’ [...] Ita genus animal praedicatur [...] de animalibus rationalibus et brutis*”³.

Porfírio amplifica a tese básica aristotélica, chamada de Hilemorfismo, segundo a qual todos os seres corpóreos são compostos de uma mesma “matéria-prima” comum a todos, e que se diferenciam uns dos outros pela forma que os habita. Essa forma será substancial ou accidental. A forma substancial, também chamada de alma, psique, espírito, mente, princípio ativo, será, por exemplo, no reino mineral, o que define um diamante; no reino vegetal, uma bananeira; no reino animal irracional, um gato; no reino animal racional, Maria. Todos estes seres possuem também uma forma dita accidental ou qualidade, que é, pela ordem citada: brilhante, frondosa, cinza, elegante, sensual, etc.

Concomitantemente, outros filósofos defendiam o discurso da sofística, representados, entre outros, por Protágoras, de Abdera e Górgias, de Leontinos, que propunham um discurso alternativo, aceitando conclusões ilógicas com o recurso de ambiguidades. Mestres na arte de falar bem, os sofistas retóricos negavam uma verdade absoluta, escolhendo enganar os interlocutores, premeditadamente, através de um raciocínio truncado. Embora também constituíssem uma Escola, não foram reconhecidos como sérios nem confiáveis, chamados por Platão de charlatães⁴. Até aqui, temos o que podemos chamar de primeiro ato da odisseia do pensamento filosófico e científico da humanidade.

² Apud GREDT, Josephus. *Elementa philosophiae aristotélico-thomisticae*. Barcelona: Ed. Herder, 1951. v. I, p. 118.

³ “Diz-se predicar ‘de vários, diferentes na espécie’ [...] Assim, o gênero animal refere-se [...] aos animais racionais e irracionais”. (Tradução nossa para fins deste texto).

⁴ DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993. p. 444.

No Brasil, o matemático e filósofo paranaense Newton da Costa, de reconhecimento internacional, criou, recentemente, uma nova lógica chamada de Paraconsistente, questionando a lógica aristotélica e admitindo a contradição. Não por acaso, ele baseou sua argumentação na teoria psicanalítica, freudiana e lacaniana, a partir do estudo da interpretação dos sonhos, em que podemos encontrar nossa verdade, embora disfarçada inconscientemente em dados contraditórios, surrealistas, mas interpretáveis, dentro da lógica do fantasma.

Importante elo intermediário para o segundo ato que só começaria no início do século XIX, com Sigmund Freud, foi o filósofo francês René Descartes (1596-1650), com uma visão mais moderna da experiência humana, admitindo, primeiramente, uma dúvida metódica sobre todo o pensamento humano, baseado na comprovação de que nossos sentidos podem nos enganar. Por exemplo, na terceira de suas *Meditações*, em que discute a ideia da existência de Deus, afirma:

Ora, o principal erro e o mais comum que se pode encontrar consiste em que eu julgue que as ideias que estão em mim, são semelhantes ou conformes às coisas que estão fora de mim; pois, certamente, se eu considerasse as ideias apenas como certos modos ou formas de meu pensamento, sem querer relacioná-las a algo de exterior, mal poderiam elas dar-me ocasião de falhar. Ora, dessas ideias, umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. [...]

Mas, se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até o presente julguei que estes sentimentos procediam de algumas coisas que existiam fora de mim [...] mas são ficções e invenções de meu espírito.⁵

Em segundo lugar, Descartes introduziu o pronome da primeira pessoa no raciocínio, quando antes, desde Aristóteles, se trabalhava com a terceira pessoa (“todo homem é mortal”). A terceira pessoa do verbo é um sujeito indeterminado, terceirizado, que não assume a responsabilidade de seus atos, podendo sempre responder: *Não fui eu*. Porém, introduzindo o seu *cogito*, Descartes afasta a objetividade para assumir a subjetividade responsável do enunciado. Em seu caminhar na direção da psicanálise, Descartes abordou também a questão dos sonhos, embora considerados por ele como um erro ou ilusão de nossas percepções.

Considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertos nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, neste caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas, que até então haviam entrado no meu espírito, não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria

⁵ DESCARTES, René. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 101-102 (Coleção Os Pensadores).

necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.⁶

Este filósofo racionalista e dubitativo não conseguiu perceber a tautologia de seu pensar-existir, porque o *eu* que agia nos dois verbos era o mesmo, no registro da consciência e da razão. Esta é a questão que tentamos discutir aqui. A tese de que nossos comportamentos sexuais sejam determinados biologicamente, como acontece com os instintos dos irracionais, sem participação de nossa escolha pessoal, segue, mais ou menos, a lógica cartesiana, que não inclui o eu inconsciente na tomada de decisões, do mesmo modo que Descartes considerava os sonhos como simples ilusão.

Embora a fisiologia dos sonhos seja determinada geneticamente, da mesma maneira que a fisiologia genital, entretanto o significado dos sonhos, como realização de desejos, e o desejo sexual, como resposta libidinal às fantasias inconscientes, são uma realização psíquica muito além da biologia. Vivemos confusos com a sensação de conflito entre uma escolha consciente, como o querer engravidar, e um desejo inconsciente oposto, que anula o querer, sem percebermos. Nesse momento, somos levados a atribuir ao DNA a responsabilidade por nossos atos, como também costumamos atribuir a Deus a causação de algum efeito produzido por nós mesmos.

Outro grande conceito da antiga cultura grega vai nos ajudar bastante em nossa tese. Refiro-me ao que chamavam de uma “segunda morte”, que é a morte do desejo inconsciente, muito mais perniciosa do que a primeira morte biológica. Esta é determinada geneticamente, inscrita em nosso DNA, da qual não escapamos, por mais que nos cuidemos de evitá-la e que, eventualmente, até podemos antecipar por escolha pessoal. Quanto à morte do desejo, ela acontece quando renunciamos ao imperativo ético de não ceder quanto ao nosso desejo e traímos a nós mesmos, alienando-nos ao desejo do outro. Esta morte do desejo não nos impede de continuarmos como mortos-vivos, numa vida que perdeu a dignidade e o sentido.

A ilustração mais perfeita desse conceito nós encontramos na história de Antígona, a heroína grega da tragédia de Sófocles (442 a.C.). Filha de Édipo e Jocasta, irmã de Etéocles, Polinice e Ismênia, ela acompanhou o pai no exílio para a cidade de Colono. Em Tebas reinava Creonte, irmão da falecida Jocasta, usurpador do trono vago de Édipo, que deveria passar para um dos seus filhos. Entretanto Etéocles e Polinice se desentenderam sobre a herança do trono, brigaram e se mataram mutuamente. Creonte decretou um enterro com

⁶ DESCARTES, René. *Meditações*, op. cit., p. 46.

todas as honras para Etéocles, enquanto decretou a proibição de sepultar Polinice, seu desafeto, com a cláusula de condenação à morte para quem ousasse sepultá-lo. Antígona se revolta contra a decisão do rei e decide sepultar o irmão, escolhendo a morte biológica para evitar a morte do desejo.

Qual foi o raciocínio de Antígona?

Por que razão assim penso? Porque eu poderia ter outro esposo, morto o primeiro, ou outros filhos, se perdesse o meu: mas, uma vez mortos meu pai e minha mãe, nunca mais terei outro irmão! Eis aí porque te prestei estas honras, e porque, na opinião de Creonte, pratiquei um crime, um ato incrível, meu querido irmão. E agora sou arrastada, virgem ainda, para morrer, sem que houvesse sentido os prazeres do amor e os da maternidade. Abandonada por meus amigos, caminho, viva ainda, para a mansão dos mortos. Deuses imortais, a qual de vossas leis eu desobedeci? Mas... de que me serve implorar os deuses?⁷

Antes que acontecesse o assassinato de Antígona por Creonte, ela suicidou-se. A psicanálise inspira-se nesse episódio para defender a ideia de que também existem dois nascimentos: o biológico (pela natureza), que nos dá a condição de animal, no registro da necessidade, num ser *infans*, embora potencialmente falante, determinado pelo DNA. Isso corresponderia aos seis primeiros meses de vida, o primeiro nascimento. Dos seis aos dezoito meses, temos a fase do estágio do espelho, quando ocorre o segundo nascimento, simbólico, pelo reconhecimento da própria imagem gestáltica no espelho, e pelo advento da fala: *Sou eu*. A aquisição da linguagem (pela cultura) implica a submissão à lei da castração simbólica por parte de um outro *eu*, o sujeito do inconsciente. A partir daí, a palavra representa e afasta a coisa, provocando o surgimento do desejo.

Segundo Jacques Lacan: “Essa Gestalt, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza, por estes dois aspectos de seu surgimento, a permanência mental do (eu)”⁸. Importante ressaltar que, para o Mestre Lacan, esta é a única concessão possível e potencial ao genético no psiquismo humano.

É assim que o *cogito* psicanalítico passaria a ser: *eu desejo, logo eu existo, com liberdade de escolha*. Desejar é um requisito do ser falante. O eu desejante não é o mesmo eu que existe. Portanto, para a psicanálise, existem dois *eus*, consciente e racional, *versus* inconsciente, recalçado e desejante.

⁷ SÓFOCLES. *Antígona*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970. p. 186.

⁸ LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.. p. 98.

Em seus ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud aprofunda, pioneiramente, sua teoria sobre a sexualidade infantil, ao introduzir o conceito de ‘perversão polimorfa’⁹. Utilizando esse conceito, Freud não lhe atribui qualquer conotação de juízo moral, mas apela à etimologia latina da palavra perversão, que se compõe do prefixo *per* e *versão*, isto é, várias versões possíveis de obter prazer. Isso significa que a sexualidade infantil dispõe, potencialmente, de várias alternativas de obter prazer, todas elas saudáveis e aprovadas, até que venha a cultura impor limites morais e causando nosso mal-estar.

Lacan também propôs uma nova etimologia para a palavra ‘perversão’, derivando-a de *père* (pai, em francês) e *version* (versão), indicando a escolha possível do mecanismo que gera as estruturas clínicas, sendo que o pai em questão é o compromisso que o sujeito do inconsciente assume perante a lei paterna: submissão na neurose, desmentido na perversão, e forclusão na psicose.

Dez anos após a publicação dos “Três ensaios”, vem a distinção entre instintos e pulsões, em que o conceito biológico de instinto, no registro da necessidade, fica reservado aos animais, para a conservação da espécie, enquanto o de pulsão é uma característica psíquica e cultural do humano¹⁰. Além disso, Freud declara que o objeto do instinto no animal é específico, como é o caso da comida em relação à fome, ao passo que o objeto da pulsão é inespecífico, totalmente aberto à escolha do sujeito que, diante da fome, por exemplo, pode reagir de modo diferente, fazendo regime, greve de fome, moderação no comer ou excesso na glotonaria.

Com relação à sexualidade, os animais fazem sexo baseados exclusivamente no instinto biológico de reprodução, sempre no cio da fêmea, de maneira estereotipada, por necessidade e sem desejo. Já o ser humano, não regido por determinismos sexuais biológicos, e em que o objetivo da sexualidade é o prazer, pode abster-se de sexo no celibato, satisfazer-se solitariamente, em dupla ou em grupo, com animais ou objetos sexuais, sublimar pela religião ou pela arte, não necessariamente ligado à reprodução. Aí as escolhas são escancaradas, tudo pode ser feito dentro de quatro paredes, sempre com o consentimento dos possíveis parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto.

A sigla LGBTQIA+ está longe de esgotar as potencialidades que a cultura vai produzindo na área da sexualidade. Até porque a sexualidade humana é cultural e linguageira,

⁹ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII, p. 196.

¹⁰ FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 138-139.

beneficiando-se da polissemia dos significantes, que enriquece a possibilidade de atribuir significados novos às inúmeras *perversões polimorfas* experimentadas desde a infância.

Este salto qualitativo constitui o segundo ato na história do pensamento humano, substituindo o instinto biológico determinante e genético da natureza, pelo imperativo desejante e responsável da pulsão, na linguagem e na cultura. Os demais animais irracionais continuam sendo determinados e orientados pela natureza e pela genética exclusivamente. No humano, a suposta ciência logística cede lugar à sofisticada da ambiguidade contraditória e elegível.

Contemporâneo de Freud, o psiquiatra italiano Cesare Lombroso (1835-1909) entoou o canto do cisne do determinismo, ao defender a tese do “criminoso nato”, insistindo no conceito de determinismo genético, segundo o qual os criminosos já nascem assim, não se tornam assim, como brilhantemente postulou Simone de Beauvoir. A tese de Lombroso (eu já nasci assim) foi o atestado de que as pessoas não poderiam ser responsabilizadas por seus atos.

É aqui que a psicanálise propõe a segunda via de raciocínio. Freud ousa afirmar que o ser humano é bissexual. Tese que até a medicina hormonal atual confirma. Como numa banda de Moebius, oscilamos entre estarmos na posição feminina ou masculina, dentro ou fora. Usamos palavras de ambos os gêneros e conjugamos os verbos na voz passiva (feminina) ou ativa (masculina).

O simples fato de sermos seres falantes é prova irrefutável de que vivemos fazendo escolhas. Ao enunciarmos qualquer conceito, temos de escolher as palavras adequadas. Ora, os dicionários registram uma quantidade incrível de palavras possíveis. Por exemplo, o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* conta com mais de 230.000 verbetes disponíveis. Em qualquer fala nossa, temos de escolher pouquíssimas palavras deste imenso acervo¹¹.

Freud defende a tese de que, como seres de cultura e de linguagem, reinterpretemos os instintos e os transformamos em pulsões, a partir das quais nos responsabilizamos por todos os nossos atos e escolhas. Mas podemos recalcar isso, não aceitando a ação de nosso outro eu, o eu inconsciente. Eis alguns textos em que Freud declara a escolha das neuroses e suas consequências: a Carta 125 a Wilhelm Fliess¹²: “Sobre a tendência universal à depreciação no

¹¹ Apud HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. XI.

¹² FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 125 [1899]. In: _____. *Edição standard das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.I, p. 377.

amor”¹³; “A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose”¹⁴. Desde o início de sua teorização sobre a sexualidade, Freud demonstrou o polimorfismo das várias versões da sexualidade infantil, que evolui, na vida adulta, para a polissemia dos significantes, que nos autoriza a escolher os significados que atribuímos a todos os nossos comportamentos¹⁵. Nessa mesma direção, Jacques Lacan nos adverte que “*por nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis*”¹⁶.

Como conclusão, podemos admitir que não há nenhum desdouro em escolhermos qualquer das modalidades sexuais LGBTQIA+ ou outras que venham a surgir em nossa cultura. Todas elas são dignas e nobres, só censuráveis por quem tem uma inveja sintomática ou uma pobreza de espírito empedernida. A única condição exigida nessas escolhas é que estejam de acordo com nosso desejo e nos proporcionem prazer. Caso contrário, nova escolha. Se for preciso, podemos transicionar de sexo psicológico ou, até, de sexo biológico, com cirurgia de redesignação sexual ou não. Nada disso é, necessariamente, patológico. Será, antes, prova de amadurecimento psíquico.

No Brasil, temos o exemplo transgênero, já de quase meio século, na pessoa de Geraldo Eustáquio de Souza, mineiro, empresário de sucesso, bem casado e com filhos. Após trinta anos de casado, decidiu transicionar, como costuma falar e escrever. Adotou o nome de Letícia Lanz, agora na qualidade de esposa de sua antiga esposa. Não fez nenhum tipo de cirurgia. Os inevitáveis conflitos dessa transição foram solucionados em atendimento psicanalítico. Após fazer sua formação, hoje pratica a psicanálise, continua sentindo-se feliz no casamento. Letícia se considera fiel à companheira, e os netos a reconhecem como ótimo avô, depois de ter sido um pai exemplar. Entre os livros publicados, destaca-se: *A roupa que nos veste*.

A questão de um determinismo ou de uma escolha livre em nossos atos e, especialmente, em nossa sexualidade pode esclarecer-se pelo questionamento ético de nossos desejos, como propôs Lacan, baseado nos conceitos kantianos de um imperativo ético: Que posso saber? Que devo fazer? Que é-me permitido esperar?¹⁷.

¹³ FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor [1912]. In: _____. *Edição standard das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.XI, p. 164.

¹⁴ FREUD, Sigmund. A disposição à neurose obsessiva: Uma contribuição ao problema da escolha da neurose [1913]. In: _____. *Edição standard das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII, p. 399.

¹⁵ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, op. cit., v.VII, p. 196.

¹⁶ LACAN, Jacques. A ciência e a verdade [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.869-892. p. 873. Grifos nossos.

¹⁷ LACAN, Jacques. *Televisão* [1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 63.

Em síntese, as respostas correspondentes são:

- a) Meu discurso não admite a pergunta sobre o que se pode saber pois ele parte supondo-o como sujeito do inconsciente. Minha resposta, portanto, não repete Kant a não ser pelo fato de que, desde então, os fatos do inconsciente foram descobertos [...] O sujeito do inconsciente, ele mesmo, influi no corpo.¹⁸
- b) É o que faço: da minha prática extrair a ética do Bem-dizer [...] pois a ética é relativa ao discurso.¹⁹ [O Bem-dizer não diz onde está o Bem²⁰].
- c) Espere o que lhe agradar.²¹

Resumindo, Lacan argumenta que não vamos encontrar as respostas num laboratório de análise fisiológica, neurológica ou genética, mas no labor de análise do inconsciente, num divã. Aí encontraremos nossa desconhecida ética de nosso obscuro objeto de desejo.

Para a psicanálise, que trabalha com a palavra e a escuta, o uso da etimologia como recurso prova-se muito eficiente. Já o fizemos previamente, apontando a perspicácia de Freud ao propor a etimologia de ‘perversão’ como ‘várias versões’, eliminando o conteúdo pejorativo, moralista, censurador e religioso que qualificava o substantivo. Podemos atribuir essa mesma perspicácia a Lacan, quando trabalha com a etimologia de heterossexual e homossexual, em duas afirmações suas destacadas por Ricardo Goldenberg:

– A primeira sendo: “Chamemos heterossexual por definição a quem gosta de mulher, independentemente de seu sexo”²².

Explicitando mais: então, duas lésbicas se relacionam heterossexualmente. A base do raciocínio já vem de Freud, ao afirmar que o supereu da mulher é mais fraco, isto é, menos rígido, porque a lei da proibição do incesto não a atinge com a mesma força que ao homem. Já que a mãe é certíssima, tal lei não dá chance ao menino, que é totalmente castrado. E já que o pai é sempre incerto, a menina tem a atenuante da dúvida, sendo não-toda castrada. Ela escapa parcialmente do simbólico, tendo acesso também ao real.

E Lacan usa o mito do assassinato do pai da horda para concluir: ele era um não-castrado, podendo ter todas as mulheres e fazendo exceção quanto a todos os outros homens. Como é sempre a exceção que

¹⁸ Id.. *ibid.*, p.64;66.

¹⁹ Id.. *ibid.*, p.72..

²⁰ Id., *ibid.*, p.40.

²¹ Id.. *ibid.*, p.73.

²² GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2018. p.302.

confirma a regra, conclui-se que todos os homens são totalmente castrados, formando um conjunto, sendo iguais, na etimologia grega de *omo*.

Entretanto, na literatura e na etnografia, não consta nenhum caso de uma mãe da horda primitiva, não castrada. Se não há exceção, não há regra. Então, a mulher é não-toda castrada, não fazendo um conjunto, sendo uma a uma, e elas são diferentes. Em grego, a palavra *hétero* significa diferente. Então, se quem ama uma mulher é outra mulher, diferente (ou um homem, que também é diferente), estas relações serão heterossexuais.

– Segunda afirmação é: “‘Os homens que não amavam as mulheres’ são homossexuais, ainda que não sejam gays. [...]” Aí, Lacan escreve *hommosexuel*, com dois emes, alusão à palavra *homme* (homem, em francês), homem sexual, no sentido genérico de ser humano²³. Isso não implica patologia, já que o significante *gay* designa, simplesmente, um homem alegre.

O raciocínio que se desenvolve a partir desse ponto é que podemos escolher outra etimologia, não baseada na segunda parte da palavra (sexual), mas na primeira (homo ou hétero), significando não o mesmo ou outro sexo, mas a mesma espécie humana, de qualquer sexo. Assim, temos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Conceitos

Saberes	Conceituações
Masturbação	Ato solitário
Zoofilia	Sexo com animais (pertencentes a uma outra espécie)
Homossexualidade	Sexo com outra(s) pessoa(s) (do mesmo gênero humano). O prefixo <i>homo</i> , do latim, homem enquanto ser humano, e do grego <i>omo</i> , mesma espécie, independente do sexo biológico
Heterossexualidade	Sexo com outra(s) pessoa(s). O prefixo grego <i>hetero</i> significa outro, outro ser humano, independente do sexo.

Fonte: Elaboração do autor (2022).

Podemos, então, concluir que em todas as nossas relações com outra(s) pessoa(s) somos, ao mesmo tempo, heterossexuais e homossexuais, independentemente do sexo

²³ GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*, op. cit., p. 302.

biológico dos participantes. Isso confirma que somos bissexuais, como já observado por Freud.

Por fim, Goldenberg ainda nos informa que “a noção de gênero é completamente estranha à psicanálise. Em se tratando de desejo, por exemplo, nada permite sugerir que Lacan o pense em termos de gênero, visto que o objeto parcial que move o desejo carece do mesmo”²⁴.

Esclarecendo: o fato de a noção de gênero ser estranha à psicanálise, é porque se trata de um conceito biológico (feminino-masculino). Lacan define que a humanidade não se divide em dois gêneros ou sexos, mas em dois gozos (o fálico e o feminino). E já que, como dito acima, o objeto da pulsão é inespecífico e indefinido (ao contrário do objeto do instinto, que é específico e definido), somos movidos pelo desejo, cujo objeto, o *objeto a*, que é um objeto fantasmático, é qualquer coisa, por exemplo, o dinheiro, a beleza, que não têm, necessariamente, nenhum gênero, e que movem todo ser humano.

Sobre o autor:

Geraldino Alves Ferreira Netto é Psicanalista, com consultório em Campinas, São Paulo. Diretor da Associação Livre-Ensino Continuado, Núcleo de Campinas-SP. Coordenador do Curso de Especialização em Psicanálise, reconhecido pelo MEC. Professor e analista no Campo Psicanalítico em Maputo, Moçambique. Autor de: *Doze Lições sobre Freud e Lacan* (6.ed. Campinas: Pontes, 2020); *Wim Wenders, Psicanálise e Cinema* (2.ed. Campinas: Pontes, 2017). Membro do cartel sobre James Joyce. Autor do artigo “James Joyce e seus lapsos”. Inédito. E-mail: geraldinoafn@uol.com.br.

Referências

DESCARTES, René. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores).

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 125 [1899]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v.I.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v.VII.

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor [1912]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.XI.

²⁴ GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*, op. cit., p. 313.

- FREUD, Sigmund. A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose [1913]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.
- FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2018
- GRETT, Josephus. *Elementa philosophiae aristotelico-thomisticae*. Barcelona: Ed. Herder, 1951. v. I.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade [1966]. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869-892.
- LACAN, Jacques. *Televisão* [1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SÓFOCLES. *Antígone*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.